



A ANTIGUIDADE CLÁSSICA E SEU ENSINO NA GRADUAÇÃO: ALGUMAS EXPERIÊNCIAS¹

Leandro Hecko²

Resumo: O Ensino de História tem passado por diversas reflexões no Brasil. Estas podem ser datadas de 1980 em diante, concomitantes ao período da chamada Redemocratização (ou Democratização, ou ainda nada disso!). Estas buscam repensar a sua forma e prática de ensino, bem como, mais recentemente ainda, o seu sentido. Assim, consideramos o ensino da História Antiga em seu recorte temporal da Antiguidade Clássica inserido nessas reflexões que podem, no seio das políticas públicas e discursos, querer diminuir a importância dessa área diante da perspectiva de enfatizar a preocupação com tempos e espaços mais próximos do estudante/cidadão brasileiro. Como forma de construir uma Antiguidade a ser mais valorizada nos diferentes níveis de ensino, acreditamos que as discussões entre passado/presente/futuro, usos do passado, problematização Antiguidade/Modernidade e a discussão da relação entre conhecimento acadêmico e vida prática podem servir como importantes ferramentas a complementar a formação de futuros professores para atuarem na Educação Básica. Entendemos que existe uma Antiguidade que se obriga a ensinar pelo presente na lei, mas também deve ser construída uma outra forma de ensiná-la. Neste caminho, algumas abordagens parecem profícuas e devem permear as práticas dos professores das áreas de Estudos Clássicos no Brasil, nos diferentes níveis de ensino nos quais estão inseridos, que são: primeiramente, a ideia da importância de se estudar a Antiguidade Clássica no Brasil, em seguida a perspectiva dos legados dessas civilizações clássicas à contemporaneidade e, em terceiro lugar, a percepção dos usos do passado, todas evocando uma problematização entre passado e presente. Para desenvolver as reflexões percorreremos o seguinte caminho: vamos, primeiramente, observar as possibilidades de Ensino de História abertas pelos documentos norteadores do Ensino no Brasil, explorando os documentos gerais, para observar qual o campo aberto para a Antiguidade Clássica. Em seguida vamos refletir sobre as ideias de Legado e Usos do Passado como uma forma de problematizar o ensino da História Antiga conferindo-lhe significado social no sentido de se pensar sobre o seu valor na vida cotidiana das pessoas. Por fim, relataremos algumas experiências a partir de nossa prática profissional.

Palavras-chaves: antiguidade; usos do passado; ensino de história.

¹ Reflexões vinculadas ao projeto de pesquisa cadastrado na plataforma do SIGPROJ junto à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

² Professor das disciplinas de Antiguidade Oriental e Antiguidade Clássica na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas – MS.



Introdução

O Ensino de História tem passado por diversas reflexões no Brasil. Estas podem ser datadas de 1980 em diante, concomitantes ao período da chamada Redemocratização (ou Democratização, ou ainda nada disso!)³ e buscam repensar a sua forma e prática de ensino, bem como, mais recentemente ainda, o seu sentido. Assim, consideramos o ensino da História Antiga no recorte temporal da Antiguidade Clássica inserido nessas reflexões que podem correr o risco de, no seio das políticas públicas e discursos, terem diminuídas a importância dessa área diante da perspectiva de enfatizar a preocupação com tempos e espaços mais próximos do estudante/cidadão brasileiro.

Para desenvolver as reflexões percorreremos o seguinte caminho: vamos, primeiramente, observar quais são os documentos que abrem possibilidades para o Ensino da Antiguidade Clássica e são norteadores do Ensino no Brasil. Em seguida vamos refletir sobre as ideias de Legado e Usos do Passado como uma forma de problematizar o ensino da História Antiga conferindo-lhe significado social no sentido de se pensar sobre o seu valor na vida cotidiana das pessoas. Por fim, relataremos algumas experiências a partir de nossa prática profissional.

As Antiguidades que desejamos ensinar e as que podemos ensinar

A forma como cada professor ensina, os conteúdos com os quais prefere lidar, suas formas de abordagem e problematização dos conteúdos dependem de uma série de fatores ligados a sua biografia e trajetória de vida, como: origem familiar, origem de classe, interesse por leituras, cinema, jogos diversos, formação na Educação Básica, graduação, iniciação científica, especialização, mestrado, doutorado, entre outras. Desta forma, o primeiro interesse que permeia a prática do professor que atua

³ Mas, segundo Selva Guimarães Fonseca: “O lugar e o papel ocupados pela História na educação básica brasileira, na atualidade, derivam, pois, de transformações na política educacional e no ensino de História, conquistadas a partir de lutas pela democracia nos anos 1980, da promulgação da Constituição Federal de 1988 e da implantação da nova LDB.” (FONSECA, 2010, p.1)



nas disciplinas que versam sobre a Antiguidade Clássica se assenta sobre sua trajetória de vida que constitui a sua própria trajetória intelectual.

Consoante a isso, a universidade e a vida docente exigem⁴, por sua vez, constante atualização bibliográfica, participações em eventos, publicações e interação com a sociedade, buscando sustentar o tripé do Ensino, Pesquisa e Extensão, mas ainda dentro dessas exigências a trajetória de vida e trajetória intelectual continuam definidoras de práticas e interesses de ensino e, nesta lógica, se tivéssemos que responder à questão sobre que Antiguidade Clássica desejamos ensinar, a resposta seria algo próximo ao seguinte: temas relacionados àquilo que mais se tem domínio e constituem parte da formação acadêmica do professor que, no seio da pós-graduação, tende a entrar no âmbito da especialidade temática e de recorte temporal dentro dos conteúdos referentes à Antiguidade Clássica.

Não obstante, os contextos de trabalho trazem a tona mais fatores que vão influenciar no ensino e também possuem uma orientação prática, que se relaciona ao profissional que se deseja formar e para o quê se deseja formar e aqui cabe ressaltar que a atuação como docente na Educação Básica ou no Ensino Superior são as áreas mais vastas e produtivas para o trabalho. Desta forma, esta área de atuação deve ser considerada como influenciadora do ensino da Antiguidade Clássica e aqui, vamos passar a observar alguns elementos a serem considerados agora sobre o que podemos ensinar, que são: conteúdos de Antiguidade Clássica para a Educação Básica e para os cursos de Graduação em História.

Cabe considerar que, nos diferentes níveis, “a história ensinada é sempre fruto de uma seleção, ou como atualmente se diz, de um “recorte” temporal, histórico” (FONSECA, 2010, p.2) e isso aparece, em perspectiva institucionalizada, com as discussões sobre o Currículo e o que e como ensinar, como ressalta Selva Guimarães Fonseca, resumidamente, junto a alguns autores. Diz ela, com as palavras de Sacristán que “o currículo é uma construção social, “um projeto seletivo de cultura, cultural, social, política e administrativamente condicionado” (SACRISTAN *apud* FONSECA, 2010, p.2) ou ainda, segundo Goodson, inspirado em Hobsbawm, o currículo “(...) é

⁴ Amparadas, obviamente, por políticas governamentais de avaliação ou políticas internas de avaliação dentro das universidades.



sempre parte de uma tradição seletiva, um perfeito exemplo de invenção da tradição”.

(GOODSON *apud* FONSECA, 2010, p.2)

Na Educação Básica

No tocante aos níveis de ensino, Educação Básica ou Superior, acreditamos existir uma interdependência entre as diferentes instâncias quanto aos conteúdos, que passa pela valorização e significação para a formação de um cidadão ou de um bom profissional. Essa interdependência se daria, primeiramente, pelo que ensinar em termos de conteúdos, na Educação Básica que ecoaria no profissional que se deseja formar com uma graduação em História. Decorrente disso viria o sentido do conteúdo a ser ensinado, considerando a formação de um bom cidadão e bom profissional. Seguindo este caminho, vamos lançar aqui um breve olhar sobre alguns documentos que são norteadores para seleção de conteúdos no Ensino de História e, dentro deste, os específicos sobre Antiguidade Clássica.

Como um primeiro documento, há que considerar a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação de 1996, que fazendo voz à Constituição de 1988, abre os espaços para organização de todos os currículos dos diferentes níveis de ensino, de acordo com suas especificidades. Nesta ordem, observando brevemente a Lei de Diretrizes e Bases para Educação (LDB nº 9394/96), os conteúdos se organizam/limitam frente o Ministério da Educação, que deve:

“estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum” (LDB, 96, art. 8º)

De acordo com a LDB, portanto, as responsabilidades são dissipadas entre as instâncias federais, estaduais e municipais, gerando um amplo leque de possibilidades, obviamente, bastante profícuo a disparidades entre elas e as diferentes regiões do país. Cumpre, por sua vez, o papel de documento geral sobre a Educação



brasileira, mas não único, pois respeitando a LDB, surgiram outros documentos mais específicos, conforme expomos daqui em diante.

Os documentos onde observamos as possibilidades de conteúdos a serem declinados sobre a Antiguidade Clássica são: Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Fundamental e Médio (1998), Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013)⁵ e Base Nacional Curricular Comum (2016/2017)⁶, que também nos apontam um breve histórico de pelo menos 20 anos sobre o Ensino de História no Brasil⁷.

Sobre a graduação em História

Para os cursos de graduação em História⁸, alguns documentos básicos a serem considerados são os seguintes: Parecer CNE/CES nº 492, de 3 de abril de 2001, Parecer CNE/CES nº 1.363, de 12 de dezembro de 2001 e Resolução CNE/CES nº 13, de 13 de março de 2002.⁹

Em complementação a esses documentos da Educação Básica e Ensino Superior, há suas consequências a serem consideradas e que influenciam diversas instâncias na sociedade. Entre elas e, resumidamente, podemos referenciar: a confecção dos materiais didáticos utilizados na Educação Básica, sejam manuais didáticos de História ou os diversos tipos de material apostilado, materiais preparatórios para concursos, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), temas e materiais preparatórios para vestibulares, entre outros, que influenciam ou dependem do estabelecimento de conteúdos.

Do Legado aos Usos do Passado: Antiguidades no Ensino de História Antiga na Graduação em História

⁵ O objetivo aqui é apenas o de circundar os conteúdos ou possibilidades de conteúdos a partir dos documentos, sem explorar sua estrutura e outros conceitos relacionados ao Ensino de História.

⁶ Ainda estamos analisando a versão publicada em 2017.

⁷ Uma versão completa com os pormenores de cada documento está para sair em uma publicação sobre Ensino da Antiguidade Clássica no Brasil, por isso aqui nos atemos apenas às menções.

⁸ E aqui não entraremos em questões sobre Licenciatura ou Bacharelado, uma vez que independente da opção a docência na Educação Básica ou Superior, no âmbito público ou privado, é um campo de possibilidades.

⁹ Uma versão completa com os pormenores de cada documento está para sair em uma publicação sobre Ensino da Antiguidade Clássica no Brasil, por isso aqui nos atemos apenas às menções.



A partir da perspectiva anterior de que não necessariamente temos controle sobre o que devemos ou podemos ensinar, deve-se propor no efetivo contexto da prática em sala de aula uma atuação engajada e reflexiva dos conteúdos que se ensina. Neste caminho, algumas abordagens parecem profícuas e devem permear as práticas dos professores das áreas de Estudos Clássicos no Brasil, nos diferentes níveis de ensino nos quais estão inseridos, que são: primeiramente, a ideia da importância de se estudar a Antiguidade Clássica no Brasil, em seguida a perspectiva dos legados dessas civilizações clássicas à contemporaneidade e, em terceiro lugar, a percepção dos usos do passado, todas evocando uma problematização entre passado e presente. Ao fim deste item, elencaremos algumas breves experiências já trabalhadas em nossa prática docente.

A importância de se estudar a Antiguidade Clássica no Brasil

Pode parecer redundante ter que argumentar acerca da importância de abordar temas de Grécia e Roma antigas na formação de um professor de História¹⁰, ou mesmo ser desnecessário perder tempo em frisar os motivos pelos quais estudamos tais civilizações. Porém, as discussões que ocorreram sobre o Ensino de História ao se pensar a BNCC e a atual Medida Provisória Nº 746, de 22 de setembro 2016¹¹ nos mostram que essa é uma reflexão que sempre deverá fazer parte do nosso ofício diante da sociedade em que atuamos como profissionais, do ambiente onde as políticas públicas de Educação são pensadas junto aos políticos e também, obviamente, dos meios acadêmicos.

Em consonância a essa necessidade de reflexão, pode-se perceber que “Vê-se desenvolver aqui, sobretudo a partir da década de 1990, sob os influxos gerais que transformaram a ciência histórica nesse período, uma História Antiga mais problematizada, mais preocupada em compreender do que explicar.” (SILVA, 2011, p.9). Essa tendência a qual nos aponta Silva¹², é identificável como preocupação de

¹⁰ Ou na Educação Básica.

¹¹ “Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e a Lei nº 11.494 de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, e dá outras providências.” Retirado de

¹² O artigo de Glaydson José da Silva mostra de forma bastante ampla e objetiva o campo da História Antiga no Brasil. Para tanto, ver: SILVA, Glaydson José da. Os avanços da História Antiga no Brasil. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho, 2011.



diversos autores aos quais aqui brevemente nos remetemos, quanto a Antiguidade Clássica e sua importância.

Existe, por um lado, a tendência de pensar nos estudos da Antiguidade como fazendo respeito apenas a sociedades mortas, partindo de documentos dispersos e cheios de lacunas, bem como não perceber a atualidade, a modernidade e a pertinência dos estudos da Antiguidade (THELM; ANDRADE, 2005, p.9). A essa perspectiva Thelm e Andrade continuam argumentando, que existe uma visão equivocada ao se olhar para o conhecimento histórico do ponto de vista do burocrata, pois tal visão burocratizada não dá conta de compreender o tamanho do desafio para os historiadores ao buscar “indagar, pesquisar, criticar e fazer nascer a História Antiga do diálogo entre o antigo e o moderno, ou se preferirem, entre antigos e modernos (THELM; ANDRADE, 2005, p.9).

Neste anseio em chamar a atenção para o trabalho dos pesquisadores que atuam nos estudos sobre a Antiguidade ocorre, por conseguinte, uma renovação na qual a ampliação de objetos de pesquisa, de paradigmas interpretativos e também do universo social dos historiadores do mundo antigo se tornam importantes (FUNARI; SILVA; MARTINS, 2009, p.9). Em entrevista dada em 2010¹³, Glaydson José da Silva, Pedro Paulo Funari e Renata Senna Garraffoni, influentes e produtivos autores da área de Antiguidade Clássica contemporaneamente no Brasil, destacam diversos aspectos que ressaltam tanto a importância dos estudos quanto aspectos referentes à renovação dos estudos.

Na citada entrevista, Glaydson José da Silva comenta que só pelo fato da Antiguidade estar na “base da constituição do pensamento ocidental e só por esse motivo já se justificaria nos debruçarmos sobre ela” (2016), se trata de compreendermos nossa própria história. Em continuidade às palavras de Silva, o professor Pedro Paulo Funari frisa que a "maior parte dos valores atuais deriva de interpretações do mundo antigo (república, democracia, verdade, liberdade, mas também conceitos religiosos como pecado, julgamento final e vida eterna)." (2016) e, neste sentido, como afirma em seguida Renata Senna Garraffoni “a Antiguidade sempre esteve bastante presente no cotidiano brasileiro” (2016), citando o exemplo de que no século XIX, a legislação

¹³ Publicada no *historia e-história*, site organizado com o apoio do Grupo de Pesquisa Arqueologia Histórica da UNICAMP, disponível em <http://www.historiaehistoria.com.br/index.cfm>



romana foi muito aparece muito nos embates pela abolição dos escravos e que no início do período republicano brasileiro ideias romanas também se fizeram presentes (2016). Para a autora, que continua:

“...estudar História Antiga no Brasil hoje tem dois aspectos importantes na minha visão: primeiro conhecer a própria história do país e perceber como os usos do passado antigo se vinculam a diferentes formas de discursos e práticas cotidianas e, em segundo lugar, por meio da especialização nas Universidades, aprender a buscar por interpretações mais dinâmicas que indiquem a diversidade social, de gênero ou étnica nos quais essas sociedades se construíram.” (2016)

Nesta ordem de ideias, compreender um pouco do nosso presente e, por meio de um olhar diferenciado do pesquisador brasileiro, possibilitar novas abordagens afirmam a importância de se estudar a área. Não obstante afirmemos a importância de se estudar a Antiguidade Clássica, também aparecem alguns aspectos sobre sua utilidade que devem ser elencados. Seguindo essa perspectiva, sobre a História Antiga ser útil para o entendimento do mundo atual, Glaydson José da Silva nos diz que pode ser útil ou não, depende da perspectiva:

“A resposta pode ser afirmativa se considerarmos que muito de nossas práticas e instituições remontam à antiguidade, e que a História antiga, canonicamente a do mundo clássico, figura, em diversos países, na base dos conhecimentos necessários para o entendimento da origem das coisas, das instituições, dos povos. Dessa perspectiva, valores, costumes, práticas e experiências que orbitam universos originais são lidos, interpretados, imaginados e reivindicados no estabelecimento de compreensões de questões contemporâneas. Resultado de um olhar do presente para o passado, a escrita de história antiga diz tanto do passado que tem como objeto quanto do presente em que é produzida. Na busca de referenciais clássicos durante o Renascimento, no desenvolvimento de uma história comparativa entre os povos da Antiguidade e os ameríndios no XVI e no XVII, na leitura da Antiguidade feita pelos revolucionários de 1789, nos ideais de identidade, continuidade e comunidade dos discursos nacionais do XIX e na legitimação de regimes autoritários como o Nazismo e o Fascismo, por exemplo, pode-se perceber uma idéia de História Antiga ligada de forma direta a questões contemporâneas. A resposta deve ser



negativa se quisermos ver em nossas práticas e instituições, hoje, o produto histórico de uma continuidade que vem de gregos e romanos." (2016)

Segundo tais perspectivas, num processo de reflexão e seleção de informações e diálogos entre o passado clássico antigo e diversas áreas do saber e períodos históricos, os Legados ou Usos do Passado podem ser identificados, mostrando um aprofundamento de percepção da relação entre passado e presente e segundo Garraffoni, ainda na mesma entrevista, comenta “Muitos estudiosos, brasileiros e estrangeiros, têm chamado a atenção aos usos políticos que foram feitos do mundo antigo, muito se recorreu a ele para legitimar impérios, exploração e desigualdade social.” (2016).

Em continuidade, cabe afirmar portanto a importância da manutenção dos estudos sobre a Antiguidade nos cursos de Graduação. De acordo com Renata Cardoso Belleboni Rodrigues e Semíramis Corsi Silva, é importante na formação dos professores o estudo da História Antiga, pois na discussão do seu fazer conseguimos entender como “a história é escrita, reapropriada, lida e questionada” (BELLEBONI-RODRIGUES; SILVA, 2012, p.14). Compreender a Antiguidade, segundo as autoras, “auxilia no preparo teórico e metodológico do futuro professor e, como não pode deixar de ser, do futuro pesquisador”, entendendo também o professor como crítico e produtor de conhecimentos históricos ou auxiliar no processo de compreensão de discursos históricos sobre o passado (BELLEBONI-RODRIGUES; SILVA, 2012, p.14-15)

Neste ínterim e de acordo com as ideias citadas anteriormente, a importância de se estudar a Antiguidade Clássica no Brasil se assenta sobre alguns princípios básicos, quais sejam: compreender elementos constitutivos da cultura europeia com a qual a formação de nossa própria cultura tem profunda relação; possibilitar a problematização temporal passado presente com temas bastante viáveis de análise na constituição de diversas áreas do saber humano e da cultura moderna; compreender diferentes formas de legados ou usos que são feitos desse passado supostamente tão distante e ausente; compreender apropriações políticas, estéticas e conceituais oriundas de leituras da Antiguidade Clássica e, por fim, por que não dizer,



para preencher com erudição e beleza a cultura contemporânea com diversas criações advindas das civilizações Grega e Romana.

A questão do Legado

Anteriormente fizemos menção à ideia de Legado do passado. Para tanto, cabem algumas considerações acerca do que estamos compreendendo com este conceito e quais os seus limites, pois uma ideia errônea que nos pode ocorrer é a de que o Legado seja uma herança direta ou, de alguma forma, alguma continuidade. Nesta perspectiva e para evitar equívocos, afirmamos que partimos de ideias abordadas por Moses Finley (1998) em *O legado da Grécia: uma nova avaliação*¹⁴, porém a julgamos também passível de aplicação à antiguidade romana.

Finley, inicia o livro comentando sobre outra obra que buscou abordar o legado da Grécia Antiga¹⁵ ao querer diferenciar o seu trabalho. Diz que ela trata de observar cada faceta da antiga cultura grega, enquanto sua obra busca o sentido desse legado para a história da cultura europeia (FINLEY, 1998, p.5). Essa perspectiva de sentido nos parece bastante importante para compreensão da ideia do Legado que deixou a Antiguidade Clássica como importante aos estudos, e diferencia:

“Um legado é essencialmente assunto de alta cultura, impacto e manipulação de ideias e valores de filosofia e ciência, teoria social e política, literatura e arte, tudo isso apresentado e utilizado no círculo da elite. A sobrevivência de rituais e cerimônias de danças rústicas, trajes, linguagem e vocabulário é assunto interessante em si, quando pode ser objeto de investigação, mas constitui algo diferente do legado da alta cultura.” (FINLEY, 1998, p.24)

Há que compreender criticamente, neste caminho, que aquilo que foi conservado do passado é pleno de intencionalidades, pois além de ter origens entre

¹⁴ Malgrado algumas visões finlerianas possam ser criticadas, acreditamos que a perspectiva dos Legados ao menos ajuda a perceber a antiguidade Grega, nos devidos contextos modernos/contemporâneos, de forma problematizada.

¹⁵ *O legado da Grécia* de Richard Livingstone.



determinados segmentos sociais, historicamente foi transmitido por subjetivos processos validando o que salvaguardar ou não. Finley continua, pouco adiante, afirmando que:

“A difusão de idéias e instituições – o legado é uma forma de difusão, mais no tempo do que no espaço – jamais se constitui o ato mecânico de copiar meramente por amor à cópia. Legado implica valores. É sempre seletivo, isto é, existe também rejeição, ausência de legado, e também infinita adaptação, modificação, distorção.” (FINLEY, 1998, p.30)

Segundo o sentido que o autor utiliza, que é critério para a composição coletiva da obra, nos aparecem Legados selecionados como importantes à cultura contemporânea, em toda a sua abrangência. No corpo da obra, delimitam-se a Política, a Teoria Política, a figura de Homero e a Epopeia, a Poesia Lírica e outros gêneros, o Teatro (Tragédia), a História e a Biografia, a Educação e a Retórica, a Filosofia e suas áreas de conhecimento, a Ciência e a Matemática, a ideia de Mito, a Arquitetura e as Artes Plásticas como importantes itens a serem pensados como advindos de uma tradição que se iniciou na antiguidade grega.

A questão dos Usos do Passado

Em outra perspectiva e a nosso ver complementar, acerca dos chamados Usos do Passado, cabe considerar um conjunto de ideias para pensar sobre o seu significado. Primeiramente, há que dizer que não se trata de perceber tais usos, relacionados à Antiguidade Clássica como bons ou ruins, mas sim compreender a própria natureza de tais usos (DABDAB, 1998, p.248) e sua significação. Para se pensar nos Usos do Passado, em nossa perspectiva e de acordo com Rüsen:

“O melhor ponto de partida parece ser aquele que, na vida corrente, surge como consciência histórica ou pensamento histórico (no âmbito do qual o que chamamos ‘história’ constitui-se como ciência). Esse ponto de partida instaura-se na carência humana de orientação do agir e do sofrer os efeitos das ações no tempo. A partir dessa carência é possível constituir a ciência da história, ou seja, torna-la inteligível como resposta a uma questão, como



solução de um problema, como satisfação (intelectual) de uma carência (de orientação)”. (RÜSEN, 2001, p.29-30)

A partir dessa leitura, os Usos do Passado nos aparecem como uma tentativa de atribuição de sentido ao passado e à própria existência no presente e continuamos na compreensão junto a Rüsen, entendendo que:

“‘Sentido’ articula percepção, interpretação, orientação e motivação, de maneira que a relação do homem consigo e com o mundo possa ser pensada e realizada na perspectiva do tempo. Sentido histórico na relação com o mundo significa uma representação da evolução temporal do mundo humano tanto baseada na experiência quanto orientadora e motivadora do agir. Também na relação do homem com si mesmo, o tempo é interpretado em consecução, de modo que seja alcançado um mínimo de consciência do ‘eu’: identidade histórica” (RÜSEN, 2001, p.155-156)

E cabe dizer ainda que, ao se pensar em Usos do Passado, não se prende o conhecimento a uma instância entre conhecimento científico ou senso comum, nem ao saber institucionalizado ou popular. Consideramos que as pessoas em ambiente formal ou informal constroem ideias históricas e assim, a formação, em continuidade, também diz respeito ao modo de recepcionar o saber histórico, lidar com ele, tomar posição quanto a ele, utilizando-o (RÜSEN, 2007, p.101). Neste meio, qualquer pessoa é percebida em seu tempo e espaço, consciente ou não dos processos históricos em que se encontra acabaria por lidar com o passado ou se apropriar dele na sua forma de agir em sociedade.

E consideremos, por fim, junto às ideias de Rüsen, a perspectiva de que os Usos do Passado são, portanto, respostas a carências de orientação no tempo, permeadas pelo fato de que conscientes ou não o produto das nossas ações na vida prática, que nos afeta, decorre de diferentes formas de se lidar ou utilizar o conhecimento histórico.

Algumas possibilidades e experiências



Seguindo essas ideias, compreendemos como importante a dos usos que são feitos do passado construindo uma Educação Histórica significativa em termos pessoais e uma compreensão mais profunda da experiência histórica humana (SCHMIDT; BARCA; GARCIA, 2010, p.11) que busque, na sala de aula junto ao público com o qual se trabalha, “indagar (...) quais os ‘usos’ que os alunos fazem da história em termos da sua orientação temporal (SCHMIDT; BARCA; GARCIA, 2010, p.12). Tal perspectiva, a nosso ver, deve ser buscada em todos os âmbitos de ensino e, principalmente, junto aos professores em formação.

Neste ínterim, faremos aqui algumas menções a trabalhos que já desenvolvemos em nossa prática docente, junto a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Para contextualização, cabe frisar que a UFMS possui 6 cursos de História na instituição (Campo Grande, Três Lagoas, Corumbá, Coxim, Aquidauana e Nova Andradina) mas conta, no seu quadro efetivo, com apenas dois professores da área específica de Antiguidade¹⁶, que estão nos *campi* de Três Lagoas e Corumbá.

Foi dentro deste contexto que, consoante às ideias expostas anteriormente, sentimos a necessidade de construir uma História Antiga problematizada, já que a ênfase sempre recai sobre a História do Brasil e os regionalismos próprios do estado. Assim, o trabalho especializado junto a Antiguidade Clássica requer atenção junto ao público atendido pela UFMS e nesta ordem a própria construção dos Planos de Ensino deve ser bem trabalhada. Desde o ano de 2011, as disciplinas que ministramos foram: História Antiga – que ofertamos no Campus de Coxim, onde optamos por estabelecer um recorte próprio ao Antigo Egito, Grécia e Roma; Tópicos Especiais em História Antiga – também ofertada em Coxim, como disciplina optativa, onde apenas o Antigo Egito foi trabalhado; Antiguidade Oriental – ofertada em Três Lagoas, com recorte preciso sobre Egito Antigo; Antiguidade Clássica – ofertada em Três Lagoas, sobre Grécia e Roma; Introdução a Filosofia – ofertada em Três Lagoas, com recorte em Filosofia Grega; e História e Cinema – ofertada em Três Lagoas, a qual, junto a discussão teórica sobre a relação Cinema e História, discutimos alguns filmes relacionados à Antiguidade Clássica.

¹⁶ Considerando a origem desde a graduação, ao mestrado e doutorado. Um terceiro profissional está em formação de doutoramento, para o campus de Coxim, embora possua o mestrado na grande área de História do Brasil.



No âmbito dessas disciplinas privilegamos sempre uma abordagem inicial problematizadora do sentido de se estudar os temas sobre Grécia e Roma Antigas. Como problemas iniciais, trouxemos as questões dos Legados e Usos do Passado dentro de temas no cinema, literatura, jogos eletrônicos, obras de arte e música, explorando aspectos do pensamento, cultura, religião, mulheres, “homossexualidade”, sexualidade/erotismo, memória, paisagem e etnografia que sempre atraem a atenção dos nossos alunos; por outro lado, alguns deles fazem-se muito presentes dentro dos materiais didáticos utilizados na Educação Básica. Nas disciplinas, a abordagem de fontes históricas textuais e iconográficas, exposições de filmes sobre temas da Antiguidade Clássica com breves análises temáticas e discussões, leituras dramatizadas de peças do teatro grego mostraram-se bastante motivadoras.

A título de exemplo¹⁷, filmes como *Fúria de Titãs* (1981), *Fúria de Titãs* (2010), *Ulisses* (1954), *Odisseia* (1997), *Os 300 de Esparta* (1962), *300* (2007), por serem midiáticos e repletos de temas/releituras/apropriações a serem explorados mostraram-se muito produtivos. Por outro lado, somado aos filmes, o trabalho com leituras dramatizadas de obras de teatro grego, também se construíram como bons momentos de reflexão de conteúdos sobre a Grécia Antiga. Duas adaptações que realizamos, diminuindo um pouco seu tamanho para leitura e execução, acabaram por se tornar recorrentes nas disciplinas de Antiguidade Clássica: *Édipo Rei*, de Sófocles e *Medeia* de Eurípidés.

Em continuidade e no seio das discussões problematizadoras, uma imagem que projetamos sempre chama a atenção, que é a “Medusa”, de Ney Sayão¹⁸, que reproduzimos abaixo. A imagem é uma releitura do mito grego da Medusa, que da Antiguidade para a contemporânea obra de Sayão, problematiza a questão da mulher nas sociedades. Nas palavras do autor da obra:

“Transformando as serpentes da cabeça de Medusa em falos, o autor consegue trazer para o exterior de Medusa o seu mostro interior, criando

¹⁷ Aqui não exemplificaremos todas as experiências para não entrar em processos descritivos muito longos, o que não é objeto deste capítulo.

¹⁸ Carioca autodidata pintor e escultor. Desenvolve trabalhos em resíduo florestal, barro, metais e restauro de mobiliário artístico. Atualmente desenvolve obras de arte erótica e móveis artísticos de resíduo florestal cuja a produção é totalmente absorvida pelas principais galerias do Brasil.

uma imagem impactante sobre o medo. Já que a violência de Poseidon e a incompreensão de Atena a impediram durante toda a vida de olhar no espelho e não ser alvo de sua própria imagem. Medusa, assim como muitas mulheres foi a vítima que tornou-se vilã pela incompreensão daqueles que muitas vezes esperamos nos proteger. A medusa impactante de Ney Sayão é uma forma de protesto contra a violência sexual perante as mulheres. Aquilo que nos fere fica de tal forma em nossa cabeça que se torna dono dos nossos pensamentos e nos transforma em monstros incompreendidos.” (MAGALHÃES & SAYÃO, 2015)



Medusa, releitura (2012)¹⁹

¹⁹ Obra em terracota, vendida a comprador particular não identificado. Imagem retirada de <http://4.bp.blogspot.com/-GROEUBaAL3k/Uv9VNPTwAKI/AAAAAAAAAamg/A1LyDlyebic/s1600/DSCN3265.JPG> com acesso em 25/09/2016.



Podemos ver que, na releitura²⁰, o papel da mulher na sociedade grega pode ser problematizado diante das atuais discussões de gênero ou feminismo, mas também a própria cultura grega e sua mitologia são aqui objetos em evidência, os quais permeiam a própria história da arte, riquíssima em releituras e objeto atraente à se pensar a Grécia Antiga contemporaneamente.

Por fim, cabe relatar ainda que decorrente dessa forma de introduzir e trabalhar os temas dentro das disciplinas ministradas desenvolvemos dois projetos de pesquisa, de 2011 até 2016, que são: “ACERVOS DE ANTIGUIDADE NOS MUSEUS BRASILEIROS: perspectivas para construção da narrativa e da memória em História (2011-2013)” e “GRÉCIA ANTIGA E USOS DO PASSADO” (2015- atual). No primeiro, logo que entramos na instituição, buscamos dar evidência à considerável presença de material arqueológico das sociedades mediterrânicas antigas presentes em museus brasileiros, como o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo e o Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Não contamos com nenhum bolsista nem orientando inicialmente, por falta de interesse dos acadêmicos junto ao tema. Para o segundo projeto, ainda em desenvolvimento, contamos com dois orientandos e uma única bolsa de Iniciação Científica da própria UFMS, pois o fomento institucional é bastante limitado. No projeto, ideias como uma possível “helenomania”²¹ e Usos do Passado diversificados podem ser explorados junto a arte, aos jogos eletrônicos, ao cinema, à Educação, histórias em quadrinhos, entre outras. Fato é, que até o momento, os acadêmicos se interessaram mais pela questão da educação e sexualidade espartanas retratadas nas leituras dos filmes Os 300 de Esparta (1962), 300 (2007) e da obra de Frank Miller e Lyn Varley (1998), Os 300 de Esparta.

Desenhado este contexto e embora pareçam grandes os limites, acreditamos no contrário: a abordagem junto aos Legados e Usos do Passado, auxiliando na reflexão da relação entre Antiguidade Clássica e contemporaneidade, tende a romper barreiras e fomentar o interesse, o crescimento e a manutenção dessa área de estudos junto a nossa

²⁰ Em outro momento, discutindo Educação História e temas da Antiguidade em evidência, já pudemos problematizar esta imagem, conforme o texto: USOS DO PASSADO E EDUCAÇÃO HISTÓRICA: TEMAS SOBRE A ANTIGUIDADE EM EVIDÊNCIA, constante nas referências.

²¹ Próxima a ideia de apropriação e ressignificação presente na Egiptomania.



universidade bem como qualquer instituição que apresente as mesmas condições que a UFMS. É do trabalho intelectual e crítica apropriação docente desta área, consciente dos contextos em que se atua na vasta área territorial e institucional das universidades brasileiras que a Antiguidade Clássica adquire ainda mais valor.

Considerações finais

Percorrido este caminho, cabe elencar alguns pontos a título de registro e de síntese, bem como no intuito fixar pontos de partida para problematizações futuras. Acreditamos, enfim, que são pelo menos cinco as questões/problemas que devemos levar em consideração para se pensar o ensino da Antiguidade Clássica e, a estes, quaisquer outros professores pesquisadores podem somar analítica ou criticamente ou ainda discordar:

- 1) Há abertura em documentos oficiais e a luta pela manutenção do espaço é necessária;
- 2) Há, neste sentido, que explorar as interdependências entre a Educação Básica e o Ensino Superior;
- 3) A importância de se estudar a Antiguidade Clássica decorre de diversas questões, entre as quais se destaca a constituição de nossa própria cultura;
- 4) As perspectivas dos Legados e Usos do Passado tornam-se algumas das mais profícuas para valorização e problematização da área;
- 5) É na prática do ensino que se deve buscar atribuir o sentido ao estudo da Antiguidade Clássica, por parte do docente, transmitindo essa perspectiva aos seus alunos, dos diferentes níveis de ensino.

A partir de tais pontos, deixamos uma breve contribuição ao afirmar que, malgrado se trate a Antiguidade Clássica de um passado distante e de espaços remotos para estudantes brasileiros e, amplamente, a sociedade brasileira, a Grécia e Roma antigas estão fortemente presentes em nosso cotidiano e queiramos ter consciência disso



ou não, a nossa constituição enquanto ser cidadão/ser brasileiro/ser no mundo, passa por essas antigas civilizações.

Referências Bibliográficas

Documentos

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: história. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Brasília: MEC/SEMTEC, 1998/2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: ME, 2016.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: ME, 2017 (republicação com revisões).

BRASIL. Lei 10639, de 9 de janeiro de 2003.

BRASIL. Lei Nº 11.645, de 10 de março de 2008.

BRASIL. MEDIDA PROVISÓRIA Nº 746, DE 22 DE SETEMBRO DE 2016, Presidência da República, Casa Civil.

Parecer CNE/CES nº 492, de 3 de abril de 2001.

Parecer CNE/CES nº 1.363, de 12 de dezembro de 2001.



Resolução CNE/CES nº 13, de 13 de março de 2002.

Livros e artigos

BELLEBONI-RODRIGUES, R.C.; SILVA, S. C. Os Desafios e a Importância da História Antiga na formação do professor de História. In: BATISTA, Eraldo Leme; SILVA, Semíramis Corsi; SOUZA, Tatiana Noronha de.. (Org.). Desafios e Perspectivas das Ciências Humanas na Atuação e na Formação Docente. 1ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2012, v. 5, p. 71-87.

DABABDAB TRABULSI, José Antônio. Liberdade, igualdade, Antigüidade: a Revolução Francesa e o Mundo Clássico, Phoênix. Rio de Janeiro, 4, 1998, p.205-255.

FINLEY, Moses I. (org.). O legado da Grécia: uma nova avaliação. Brasília-DF: EdUNB, 1998.

FONSECA, Selva Guimarães. A HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: CONTEÚDOS, ABORDAGENS E METODOLOGIAS. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.

FUNARI, Pedro Paulo; SILVA, Glaydson José da; MARTINS, Adilton Luís (orgs.); (2008). História Antiga: contribuições brasileiras. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008.

FUNARI, Padro Paulo A.; GARRAFFONI, Renata Senna; SILVA, Glaydson José da. Questões sobre o estudo da Antiguidade no Brasil. História E-História. Disponível em <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=reportagens&id=31> com último acesso em 29/09/2016.

GARRAFFONI, Renata Senna (2008). Apresentação: Identidades e Conflitos no Mundo Antigo e Mundo Antigo e Cultura Moderna. História: Questões e Debates, Curitiba, n.48/49, 2008, p.5-8.



HECKO, Leandro. REVISTA DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA - REDUH - LAPEDUH.

Curitiba. Número 09 / maio - agosto 2015, p.139-151.

MAGALHÃES, Keyla & SAYÃO, Ney. Medusa – Escultura em Terracota. Retirado de <http://neysayao.blogspot.com.br/> com acesso em 02/09/2015.

RÜSEN, Jörn (2001). Razão Histórica. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília-DF: EdUNB, 2001.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; GARCIA, Tânia Braga. Significados do pensamento de Jörn Rüsen para investigações na área da educação histórica. In.: Jörn Rüsen e o Ensino de História / organizadores : Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca, Estevão de Rezende Martins – Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

SILVA, Glaydson José da (2007). História Antiga e Usos do Passado: um estudo de apropriações da Antiguidade sob o regime de Vichy (1940-1944). São Paulo: AnnaBlume, 2007.